RESENHA

Comportamento de horda e psiquismo individual: considerações sobre Psicologia das Massas e Análise do Eu

Gabriel Gerônimo Rodrigues Soares[1]

> Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado.
>
> (FREUD, 1921)

Com estas palavras, Sigmund Freud (1856-1939) introduz Psicologia das Massas e Análise do Eu. O ensaio, publicado originalmente pela Editora Psicanalítica Internacional em 1921 como *Massenpsychologie Und Ich-Analyse*, discute o que é a massa, como ela atua e interfere no indivíduo e, ainda, quais os resultados dessa interferência. Debruçando-se sobre as obras de Freud, a editora Companhia das Letras disponibiliza, em Português traduzido diretamente do idioma alemão, os livros de Freud em ordem cronológica. Compõe essa série o livro “Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos’, lançado em junho de 2011, o qual reúne os textos publicados originalmente entre 1920 a 1923. Em consulta a essa tradução de 2011 é que se constrói a presente resenha.

A começar pelos detalhes históricos, o ensaio foi escrito no período entreguerras (1918-1939) em que regimes totalitários de governo, como o Nazismo alemão e o Fascismo italiano, começavam a surgir. Observando esses movimentos e analisando as reações a eles, Freud tece seus comentários sobre o coletivo e o indivíduo. No transcorrer do texto, que aparenta ser um colóquio entusiasmado e instigante entre autor e leitor, Freud utiliza algumas ideias e conceitos apresentados por Gustave Le Bon (1841-1931), William McDougall (1871-1938) e Wilfred Trotter (1872-1939) para desenvolver a temática e se posicionar, utilizando como base princípios e conceitos psicanalíticos, questionando

[1] Estudante do 8º período do Curso de Psicologia da UNIFASE.
Orientação e revisão técnica: Prof. José Daniel Mendes Barcelos.

alguns pontos e abrindo espaço para que os estudos e o fulgor da Psicanálise pudessem contribuir – por meio da elucidação de algumas questões e formulação de outras – para a psicologia das massas que, na época, se apresentava com um novo foco de estudos, habitado por recentes indagações e teorias que seriam complementadas por tantas outras colaborações ainda por vir.

Adiantamos, desde o início, nossa recomendação da leitura do ensaio, ao qual esta resenha se refere, àqueles que nutrem interesses dirigidos à Psicanálise como objeto de estudo, pois, discorrendo sobre a unidade do Eu em constante correspondência com o coletivo "massa", Freud perpassa a vida psíquica do sujeito desobscurecendo a questão de como e em qual medida está, afinal, o social em nós, sendo o texto, portanto, uma boa introdução ao autor. Se podemos, de alguma forma, estender esta recomendação aos que não se motivam com o amparo psicanalítico perseverante no ensaio, diríamos que esta leitura é uma conveniente forma de pensar e ponderar os livros examinados por Freud, como *Psychologie des Foules* e *The Group Mind*, de Le Bon e McDougall, respectivamente. No ensaio, dividido em 12 capítulos, Freud inicia falando da massa e avança em direção às satisfações e desejos pessoais, fundindo o individual com o coletivo. Essa trajetória será sintetizada, em suas principais partes, adiante.

Freud não nega a psicologia individual, porém, reconhecendo a existência de processos narcísicos isentos de influências do mundo, afirma que as pulsões do Eu não podem servir como suporte para marcar uma diferença essencial entre a psicologia individual e a das massas. Em toda relação, o indivíduo é atravessado pelas pessoas às quais confere elevada significação. Essas relações, não raramente, eram esquecidas, e os estudos que se propuseram a analisar a massa salientavam a influência do coletivo no indivíduo, indagando até que ponto a massa faz com que o indivíduo aja de forma diferente daquela que se comporta individualmente ou do que era de se esperar. Indo além, Freud analisa o instinto social desperto. E, descrente de que é realmente o tamanho do coletivo que dispara este fenômeno, levanta a possibilidade de que essa reação ocorra também em grupos menores, como, por exemplo, na família. Afirmando que a elucidação de algum fenômeno deve começar pela observação do mesmo, Freud, pós-introdução, inicia os trabalhos pela seguinte pergunta: "em que consiste a modificação psíquica que ela [aqui se referindo à massa] impõe ao indivíduo?" (2011, p. 9). Enquanto Le Bon diz da alma coletiva, reavivada pela multidão nos indivíduos que a formam e fazendo dela responsável

pela mudança de comportamento, Freud esclarece: o que os une na alma pode ser o fator característico da massa. Para Le Bon, apesar de serem distintos em seus comportamentos quando agem individualmente, os integrantes da massa se transformam em algo homogêneo em meio à sugestão e contágio mental que pairam nas multidões. Juntos, os integrantes vivenciam queda na capacidade intelectual e maior sugestionabilidade mediante fatores afetivos. Dessa forma, os indivíduos apresentam, utilizando metáfora matemática, ações caracterizadas por uma tendência mediana. Ou seja, na massa, todos os integrantes são levados a comportamentos análogos. Freud, por sua vez, interpreta que, abdicando de certos recalques que reprimem desejos inconscientes, os indivíduos na massa agem conforme seu inconsciente. Assim, se explicaria a mudança de comportamento em meio à multidão, ou seja, assim se explicariam as ações que um indivíduo pratica quando imerso na massa, as quais não praticaria quando dela estivesse afastado. Aí se revela, marcantemente, a diferença entre Le Bon e Freud.

Pelo atributo da massa em fazer com que o inconsciente transcenda suas barreiras de modo a tornar-se mais manifesto, os indivíduos galgam para um lugar primitivo e espontâneo, adquirindo características bárbaras como: escasso poder intelectual e violência. Temos, então, vários indivíduos guiados mais fortemente pelo inconsciente, excitados e promovendo ações imprevisíveis e imediatistas, isso porque “todas as inibições individuais caem por terra e todos os instintos cruéis, brutais, destrutivos, que dormitam no ser humano, como vestígios dos primórdios do tempo, são despertados para a livre satisfação instintiva” (FREUD, 2011, p. 14). Isso, a tal ponto que a autopreservação deixa de ser levada em consideração quando em massa. Na medida em que a capacidade crítica diminui, aumentam os sentimentos, esses vão se tornando cada vez mais simples, exacerbados e, consequentemente, deixando o coletivo mais influenciável. Com essas configurações, a massa é controlada por uma grande carga de estímulos básicos e argumentos que não estão, necessariamente, sob a égide da lógica, abrindo espaço para que qualquer um que repita com eloquência ideias de forma clara e simples – verdadeiras ou não, certas ou erradas – possa controlá-la e fazê-la agir conforme sua vontade.

Posto isso, a busca por vantagens pessoais que observamos no campo individual não é algo frequente nas massas; elas “são também capazes, sob influência da sugestão, de

elevadas provas de renúncia, desinteresse, devoção a um ideal" (FREUD, 2011, p. 14). Apesar de a massa despertar um senso de união, capaz de diminuir o interesse por recompensas pessoais e aumentar a devoção a uma causa coletiva, o que é da ordem do intelectual e do pensamento continuaria sendo restrito ao individual, pois tais campos não habitam o coletivo. O que não tipifica esta alma da massa como improdutiva, sendo capaz de criações como a linguagem, o canto popular e outros produtos que nascem da interação coletiva, deixando em aberto se, factualmente, o trabalho individual, *a priori*, não é estimulado indiretamente pela massa. Lembrando-vos a epígrafe deste texto, o outro é sempre considerado pelo sujeito: embora o trabalho intelectual possa não ser produzido em meio à massa, ele, seguramente, não está distante ou apartado dela.

Segundo Freud, por não ser crítica e possuir menos barreiras que aprisionam o inconsciente, as massas são comparáveis aos povos primitivos e às crianças, pois, todos conseguem manter ideias de natureza contrárias sem que haja conflito. O mesmo aparece na vida inconsciente dos neuróticos, isso por causa do fato de que estes se prendem à realidade psíquica, não à do mundo; seja no caso da histeria, apoiada em fantasias, seja no da obsessão, fundada na culpa por um ato que, na realidade do mundo, nunca aconteceu.

Após partir do que à época havia sido discutido, adentrando a obra de Le Bon, bem como validando suas descrições da alma coletiva, Freud afirma que nada de novo havia sido proposto até então. Comentários sobre a massa eram repetidos há muito. Apesar de caracterizar as colocações de Le Bon em relação ao inconsciente e às suas comparações com a vida primitiva algo diferente do que estava em voga, complementa dizendo que isso, igualmente, já havia sido sugerido. As palavras de Freud nos dão impressão de que o assunto estava sendo revisitado, sem qualquer revolução, *ad nauseam*.

Chegando em McDougall, Freud atribui o desarranjo das informações quando se fala neste coletivo à confusão entre dois tipos de massa: uma mais fugaz, caracterizada por motivações passageiras, e outra mais duradoura e estável, em que "os seres humanos passam toda a sua vida" (FREUD, 2011, p. 18). McDougall trabalha esta questão dizendo que um coletivo desorganizado pode ser chamado de multidão. Quando emerge na multidão algo compartilhado entre seus integrantes, que leva seus interesses a se voltarem para uma mesma questão ou objeto, é que a multidão ascende à massa, podendo-se constatar aí a aproximação das ideias de McDougall e Le Bon. A afetividade

é singular neste contexto já que, em massa, os indivíduos experimentam um prazer referente a fazer parte de algo maior do que sozinhos experimentariam, deixando suas paixões fluírem para uma continuidade que extrapola seus corpos privados. Se imaginarmos dois indivíduos numa massa, quando um (perceptor) toma consciência de que outro (emissor) está manifestando um afeto em específico, o perceptor tende a replicar tal afeto. Quanto mais emissores existirem na massa mais inclinado o perceptor estará à replicação, assim, o perceptor se converte em emissor. Em contrapartida, os emissores percebem que seus afetos se estão propagando e sentem-se cada vez mais excitados. O pensamento crítico dá lugar à disseminação de afetos simples e à sensação de poder quando os indivíduos confundem-se na massa, enquanto os que se opõem a ela são coagidos. McDougall explica isso através do "princípio de indução direta da emoção por meio da resposta simpática primitiva" (FREUD, 2011, p. 18 *apud* McDougall, 1920, p. 25). Já vimos muito desse caminho percorrido e apresentado por McDougall na obra de Le Bon: ambos caracterizam a massa como impulsiva; livre de ações lógicas, críticas e heterogêneas; sugestionável; crente de sua força e onde pairam afetos simples. Porém, em contraste, McDougall observa a existência de uma "massa superior", distinta da mencionada há pouco. Esta tem por características (1) ser duradoura, (2) incitar no indivíduo um laço afetivo através da sensação de realização, (3) se comunicar com outras massas também superiores, (4) criar e manter tradições e valores e (5) diferenciar seus integrantes por funções. Ou seja, a massa que supre essas características consegue compensar, ou até suprimir, alguns dos aspectos negativos acima mencionados. Reconhecendo que, alheio à massa, o sujeito possui disposições singulares, tradições e outras propriedades que marcam sua especificidade, Freud, sendo sagaz e direto, diz ser mais sensato falar dessa organização que diz McDougall de outro modo: provendo "a massa daquelas mesmas qualidades que eram características do indivíduo e que nele foram extintas pela formação da massa" (FREUD, 2011. p. 21). Assim dizendo, as características dos sujeitos, que são desvanecidas ao adentrarem à massa, poderiam levá-la à condição da organização trazida por McDougall.

A intolerância e hostilidade dentro da massa podem desaparecer, visto que, nesse coletivo, os indivíduos se veem como um só, diminuindo a percepção de diferenças entre o grupo e fazendo aumentar a simpatia. Como isso diminui as características singulares que diferenciam e marcam, como única, cada pessoa – o que fere o narcisismo das mesmas –, apenas a ligação libidinal na alma comum, que se apura no coletivo, pode

explicar tal renúncia à especificidade do Eu. Progredindo, Freud utiliza o termo “libido” para dar continuidade ao texto, definindo-o como “a energia, tomada como grandeza quantitativa [...] desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra amor” (2011, p. 24). Dessarte, é característico da alma coletiva o amor, o vínculo sentimental. Essa relação libidinal construída entre os indivíduos pode ser explicada a partir da concepção de que os integrantes colocaram e, portanto, compartilham, um mesmo objeto no ideal do Eu, fazendo com que todos os que formam a massa fiquem alinhados, em comunhão. Aqui evidencia-se uma importante consonância entre as massas sobre que este texto versa e a exposição da horda primeva descrita por Freud: as duas formações compartilham um ideal regado pelo vínculo entre os integrantes e o líder.

Ao citar diferentes tipos e formas de agrupamento, Freud trata a igreja e o exército como exemplos interessantes de massas artificiais, caracterizadas por empregarem e disseminarem uma força coercitiva para afirmarem seus alicerces inabaláveis e sua organização rígida, de modo que não venham a se extinguir. A egressão destas massas “é desestimulada ou severamente punida, ou está sujeita a condições bem determinadas”, (FREUD, 2011, p. 26). Seguindo sua análise, tanto a igreja como o exército possuem figuras de importância coletiva que agem de tal forma que as pessoas se sentem presas ao grupo. Na igreja, todos são amados da mesma forma por Cristo e atendidos igualmente em suas preces. Essa profunda relação com a igreja vem da ligação libidinal entre os indivíduos. Tendo cada um colocado Cristo em posição de relevância e interesse (ideal do Eu), tornam-se, em consequência, irmãos em Cristo. Sendo este último o Pai de todos. À vista disso, podemos observar dois planos: um comum, em que se encontram os integrantes, iguais aos olhos do Pai; e outro magnificente, próprio do líder, ao qual os integrantes da massa entregam-se à dominação. Nesse momento, parece propício citar Ulisses: “Pois tantos reinaremos? Dana e empece / De muitos o primado: um rei domine” (HOMERO, 2009, livro II: 10ª estrofe). E, retornando rapidamente a Freud, “esta é a situação que se acha realizada numa massa capaz de subsistir” (FREUD, 2011 p. 49). Uma relação parecida existe no exército, mas mediada por uma hierarquia mais clara. Nessa, os integrantes, igualmente, voltam sua libido uns aos outros e para o líder que, neste caso, é o general. Essa ligação é muito estruturada e dependente. A perda do general, por exemplo, quebra a relação com os membros da massa, fazendo-os cair em desorganização, cada um agindo por conta própria. A estrutura entra em declínio e a

sensação afetiva diminui, todos experimentam uma sensação de pânico. Percebemos que a quebra da relação libidinal (ou a expectativa dela) com o líder faz erguer a angústia neurótica. Como toda massa que compartilha afeto entre os membros e utiliza seu poder para manifestar autoridade perante outros que venham a ter contato com ela, a religião e o exército são massas complacentes com os que dela fazem parte e rígidas com os que se mantém fora, o laço libidinal de amor é restrito aos integrantes e ao líder. Obstinado em marcar essa condição, Freud reitera: “No fundo, toda religião é uma religião de amor para aqueles que a abraçam, e tende à crueldade e à intolerância para com os não seguidores” (2011, p. 30).

Avançando, Freud chega até a identificação, quando se observa a primeira manifestação de um laço emocional no sujeito, anterior e matriz do édipo. Uma das formas de identificação é a Primária. Sendo o pai a figura de identificação (ideal do Eu), o investimento libidinal é dirigido à mãe, promovendo um conflito: édipo. A criança dirige ao pai sua hostilidade na tentativa de alcançar o objeto de seu desejo sexual: a mãe. Comparando esse laço primordial de identificação à fase oral, Freud fala da tentativa de assimilar as características do pai, devorando-o e destruindo-o. Outra forma de identificação é a Regressiva, quando o Eu toma traços únicos, *einziger zug*, do objeto hostilizado ou amado, promovendo uma identificação “parcial, altamente limitada, tomando apenas um traço da pessoa-objeto” (FREUD, 2011, p. 36). Por fim, uma terceira forma de identificação trazida por Freud é a Histérica. Ela manifesta-se quando o Eu avista em uma situação alguma coisa que coincide com seus desejos. A relação objetal deixa de ser o foco e o indivíduo passa, então, a mirar o contexto, “O mecanismo é aquele da identificação baseada em querer ou poder colocar-se na mesma situação” (FREUD, 2011, p. 37). Essa tentativa do Eu de satisfazer seu desejo, mediante infecção psíquica, a partir da vivência de uma situação originalmente manifestada pelo outro, gera um sintoma, pois o lugar desse desejo “deve permanecer reprimido” (FREUD, 2011, p. 37).

A identificação presente entre os indivíduos na massa pode ser devidamente compreendida em Totem e Tabu (1913), onde Freud diz-nos da horda primeva e do assassinato do pai, que aqui vimos como líder. Os tabus eram proibições a objetos de desejo. Assim, vedado o incesto, os filhos não podiam manter relações sexuais com as mulheres do clã, ficando todas sobre o jugo do pai. Os filhos se identificavam com o pai, mas, como ele impedia a satisfação de seus desejos, o mataram e comeram, absorvendo

suas características (vê-se aqui o que foi dito sobre o ato de devorar no processo de identificação).

Freud diz que o canibal “tem uma afeição devoradora por seus inimigos, e não devora aqueles de quem não pode gostar de algum modo” (FREUD, 2011, p. 35) e, igualmente, os filhos tomaram o pai como inimigo e o devoram, não fazendo o mesmo com os objetos proibidos: as mulheres. Em decorrência, o pai real deixa de existir, mas o simbólico, mais poderoso, é introjetado por cada filho, “O morto tornou-se mais forte do que havia sido o vivo”, (FREUD, 2012, p. 141). Assim, a permanência do indivíduo em diferentes grupos se dá de várias formas, mas sempre posicionando o objeto de desejo compartilhado na massa (o líder) como ideal de Eu, na tentativa de suprir sua falta e apaziguar o sentimento de culpa pelo assassinato. Os sentimentos e emoções compartilhados na massa interferem na formação do Eu individual e coletivo se tornam consequências um do outro, uma vez que “cada indivíduo participa da alma de muitos grupos, daquela de sua raça, classe, comunidade de fé, nacionalidade etc.” (FREUD, 2011, p. 55).

O sentimento de culpa, que, analisando o mito cristão, não é outro senão o decorrente do assassinato, dá início à tentativa de expiar tal crime, o que faz com que os homens afirmem os tabus antes derrubados: não matar a figura totêmica e não praticar incesto. Enquanto esse segundo tabú é taxado por Freud como prático, pois apenas retorna para possibilitar a vida em grupo, o primeiro, que mais nos interessa aqui, é afetivo, advém da culpa. O sangue do assassinado é o da nova aliança, em que a figura totêmica é resguardada, e o incesto, vedado. A manifestação do arrependimento oportuniza o advento das religiões, onde a lembrança da refeição totêmica é evocada na comunhão, quando os sujeitos ingerem a eucaristia. Tornamo-nos, assim, autorizados a estabelecer a comparação entre o pai primevo e o líder da massa, na medida em que o sujeito tenta suprir, a partir da identificação com o líder, o lugar do pai outrora assassinado.

Enquanto na horda primeva os filhos se encontravam perseguidos pelo pai e nutriam por ele sentimentos de temor, em instituições como, por exemplo, igreja e exército isso se transfigura como a fantasia de que o líder ama a todos de forma igual. Tal diferença está para Freud como uma ‘remodelação idealista’. Em resumo, na massa renasce a horda: “O líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autoridade […]. O pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu” (FREUD, 2011, p. 54).

Referências

FREUD, S. Psicologia das Massas e Análise do Eu. *In*: FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 (Sigmund Freud Obras Completas Vol. XV), edição Kindle. p. 6-76.

FREUD, S. Totem e Tabu. *In*: FREUD, S. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 (Sigmund Freud Obras Completas Vol. XI). p. 7-176.

HOMERO. **Ilíada**. Rio de Janeiro: Ver Curiosidades, 1950. (Clássicos Jackson Vol. XX1).

CC BY NC

Informações sobre o autor

Gabriel Gerônimo Rodrigues Soares: Estudante do 8º período do Curso de Psicologia no Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto (UNIFASE), onde participa de atividades nos eixos de pesquisa, ensino e extensão. Integra o Núcleo de Pesquisa em Sistemas Complexos (NSC), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFFluminense), onde desenvolveu pesquisa como bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Premiado em 2017 (1ª Colocação) na “Olimpíada de Robótica com Arduino (hardware e software)” (IFFluminense - Campus Bom Jesus do Itabapoana). Premiado em 2017 pelo projeto “Simulação Computacional e Dinâmica Não linear do Vetor de Transmissão da Dengue, Zika e Chikungunya” (FAPERJ). Premiado em 2016 pelo projeto “Ideia de Jogo Mais Inovadora” (IFFluminense - Campus Centro).

Contato: soaresggrs@gmail.com

orcid.org/0000-0003-3362-2618